

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A correspondência diplomática trocada entre a diplomacia brasileira na Itália e italiana no Brasil, com os seus respectivos Ministérios dos Negócios Exteriores comprova, sem dúvida nenhuma, que o anti-semitismo serviu ao poder de ambos os países. Se a Itália, a partir de 1938 expulsou de seu território os cidadãos judeus; o Brasil colaborou com essa mesma política ao fechar suas portas aos refugiados semitas impondo-lhes restrições em nome de uma raça pura e da segurança nacional.

Entre setembro de 1939, início da guerra européia, e janeiro de 1942, momento em que o Brasil rompeu as relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo, o governo de Getúlio Vargas procurou acobertar seu fascínio pelos regimes nazi-fascistas sob a máscara da neutralidade, conveniente aos interesses que perseguia no exterior: o comércio, o aparelhamento das Forças Armadas e a colaboração para a implantação da indústria pesada. Manobrou politicamente enquanto foi necessário de forma a se apresentar junto as Ligas das Nações como um país dedicado a ações humanitárias, como por exemplo ao salvamento de milhares de judeus fugitivos do nazismo. Pressionado pelos Estados Unidos e Inglaterra, principalmente, Vargas valeu-se da postura americanófila de Oswaldo Aranha para fortalecer a imagem positiva do Brasil frente aos Estados Unidos. Interessava ao Estado Novo, distanciar-se - ainda que de fachada - da postura anti-semita adotada pela Alemanha e Itália fascistas.

Indiferente ao drama e as angústias vivenciadas pelos judeus apátridas - que tentavam vencer as dificuldades impostas para a concessão de vistos de entrada país -- o governo brasileiro colocou em prática as circulares secretas até 1949. O anti-semitismo que se manifestou desde a edição da primeira Circular Secreta em 1937 pode ser caracterizado como político e xenófobo, camuflado sob a máscara do nacionalismo. Não nos restam dúvidas a respeito do posicionamento do Brasil contra os judeus, questão que ilustra vexatoriamente, a nossa literatura e a nossa documentação diplomática. E, através das charges políticas, fez do riso uma forma de doutrinação sutil.

Com relação os judeus italianos expulsos pelas leis raciais adotadas por Mussolini, o governo brasileiro não se comportou de forma diferente. Ao contrário,

indeferiu centenas de vistos cuja totalidade somente poderá ser conhecida após anos de pesquisa nos arquivos diplomáticos do Brasil e da Itália. No entanto, através dos testemunhos e documentos pessoais daqueles que para cá emigraram, fica evidente que sua entrada no país só foi possível por serem portadores de um visto de turista com passagem de "ida e volta", de um [falso] atestado de batismo de católico, de um visto de trânsito para um lugar qualquer ou por serem portadores de uma carta de chamada enviada por um salvador voluntário. Junto a diplomacia italiana e brasileira em missão no exterior raríssimos foram aqueles que se solidarizaram aos judeus assumindo uma atitude crítica, independente de interesses políticos ou particulares. Se na Embaixada do Brasil na França havia Luis Martins de Souza Dantas, aposentado a "bem do serviço público" por ajudar a salvar centenas de judeus; na Legação Brasileira em Varsóvia havia o secretário Orlando Arruda, cujas ações humanitárias merecem ainda uma investigação sistemática, conforme já foi sugerido pela historiadora Tucci Carneiro.

O fato de terem ingressado oficialmente no Brasil cerca de 9.391 judeus (dos quais 800 eram italianos) significa que apenas uma ínfima parcela das quotas prometidas junto as comissões de salvamento nas Ligas das Nações foi preenchida. Ainda que as quotas tivessem sido aumentadas segundo as nacionalidades mais carentes, estas jamais atenderam ao perfil de nação humanitária propagada pelo Brasil junto ao Comitê Internacional dos Refugiados Políticos. A persistência desta [falsa] posição não faz portanto de Aranha um filo-semita como assim o quer parte da comunidade judaica brasileira e internacional. Tanto do lado italiano como do lado brasileiro, os documentos oficiais demonstram que os dois governos eram profundamente racistas e anti-semitas. Daí o silêncio imposto aos arquivos diplomáticos e do Vaticano ser conveniente para ambos os lados que tiveram a Igreja Católica como uma sábia colaboradora.

Hoje, felizmente, com a recente historiografia que vem investindo contra os guardiões da memória, estas versões - ainda secularizadas pelos dogmas políticos - estão sendo revistas. Na Itália, assim como no Brasil, o acesso aos documentos do período nazi-fascista ainda se faz controlado pelos homens do poder aos quais interessam as versões oficiais. Mesmo assim, o tema do Holocausto e do anti-semitismo vêm sendo assunto de rigorosas pesquisas que, diante de cada documento descoberto, abalam o pretendido mito do "não racismo" de Mussolini, sustentado por

Renzo De Felice, assim como da negação de “colaboracionismo entre italianos e alemães”. A sobrevivência destas versões pode ser constatada até mesmo em algumas entrevistas que realizamos com os mesmos judeus que saíram da Itália, forçados pelo anti-semitismo das leis raciais de 1938. Ainda existe quem fala de um Mussolini que “não era absolutamente anti-semita”, negando-se até mesmo sua aproximação com Hitler: “*Os italianos ajudaram os judeus a se esconder, a se expatriar...*” dizem alguns. É verdade, mas quantos não foram aqueles que os delataram ? Quantos e quem foram aqueles que endossaram a política anti-semita assumida “*In nome della Razza*” ? Este estudo apenas começa a desvendar uma ponta do iceberg que é muito maior do que aparenta ser.

Quantos delataram amigos e conhecidos por algumas poucas liras? Muitos. Havia na Itália cerca de 40.000 judeus reunidos nas principais cidades. Para onde foram ? O “não querer ver” é um problema tanto dos judeus italianos quanto dos judeus brasileiros, definidos aqui como adeptos da teoria da cegueira; uns por desconhecimento da causa; outros por conveniência ou por negociações com as partes comprometidas com o mito. Mas é assim mesmo: assim como caiu o Muro de Berlim, um dia cairá o Memorial dos Falsos Heróis que, certamente, abrirá mais espaço para ampliarmos o Memorial em homenagem aos Justos entre as Nações.